

QUINTA-FEIRA
Lisboa--23 de Maio--1929

5 TO **ÓES**
...elc...

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

157

sempre

fixe

semanario
humoristico

Propriedade
ENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Um libeota que conhece a maravilha todas as coisas...
...se ignoramos qual dos romances do concurso se esgotará primeiro, o que sabemos é que esgotámos, interessados, a leitura
aquele, de «A Cidade Maldita» e de «Um aprendiz de Apolo».



Os ditos da semana



Maíra Inaugurou-se o carrilhão de Maíra e inaugurou-se o regimen da fome. Maíra poz colgaduras nas janelas, botou bandeira fora, e deitou foguetes, mas esqueceu-se de meter o pão no forno, esquecendo-se também lamentavelmente, de que nem só dos carrilhões vive o homem. Sob o ponto de vista do turismo, Maíra não previu que quem ia ouvir badalar os sinos vinha depois badalar cá para fóra, para o resto do paiz, que aquilo é uma terra onde meu sequer ha pão. Houve mesmo quem se sustentasse, durante o dia todo, apenas com o pão-pão, pão-pão do badalo do sino grande, sem poder ter a alegria de pôr em uzo o velhissimo ri-fão pão pão queijo queijo.

Começamos a compreender a justiça daquela disposição governamental que proíbe os padeiros de se levantarem á meia noite.

Para quê?

Quem quizer pão que o amasse com o suor do rosto, que é assim que se uza em Maíra.

inconvenientes de audarem ás escuras, aos tropeções,

Bem haja a Sociedade Protectora dos Animaes que conseguiu medida tão salutar.

Agora faz-se tudo á luz do dia. E não ha duvida de que o pão, mais do que qualquer outro genero de primeira necessidade, deve ser feito á luz do dia, mesmo para evitar que por falta de luz o pão venha, como dantes, todo cheio de buracos, numa desleal concorrência ao queijo Gruyère, que é quem tem esse privilegio.

E, quanto a nós, não nos importariamos até de levar mais longe aquela disposição proibindo totalmente o fabrico de pão, como medida de ordem publica, tão certo é que o pão nosso de cada dia, é a principal causa de dessidios, luctas, e alteração da ordem.

De mais já ficou provado, na semana passada em Maíra que, em havendo um repique de sinos, bandeiras e foguetes o povo não come.

Cura-tudo Apareceu agora em S. Sebastian um medico sobrenatnal que cura tudo.

Cura sem se saber como, e cura instantaneamente.

A gente entra-lhe no consultorio sem uma perna e sai dali a pouco, com uma data delas, como se fosse uma centupeia.

Quem não tiver um olho volta de lá com o olho no seu lugar, e tudo se passa tão rapidamente que o medico ás vezes nem sequer tem tempo de lá meter o nariz para verificar se o olho se formou em boas condições e sem lhe faltar nada.

Se um homem não tiver cabeça, sae de lá armado em pessoa de talento, capaz de ser um matematico como o sr. dr. Costa Lobo.

Os cegos recuperam a vista, os leprosos ficam saos, e até saos são capazes de ficar doentes só para gosarem a alegria de serem milagrados.

Só nos espanta que um homem assim com tão extraor-

dinarios poderes, não se mette a redentor.

O fado De tempos a tempos vem uma onda: — o fado é uma escola de deliquescencia, o fado é um vicio, o fado é uma doença.

E o fado lá se vae aguentando.

Depois surgem os «cultivadores» (é o termo) do fado. Canta-se o fado por toda a parte, *malgré* a má vontade dos puristas da musica. O fado que nasceu nos hortas entra nos salões, depois de uma longa viagem de caminho de ferro com alguns apeadeiros nos palcos dos teatros—pistarín-pistarín, pistarín-pistarín.

E quando o gosto se apura e o fado começa a fazer carreira, renasce a campanha contra o fado.

E o fado lá se vae aguentando.

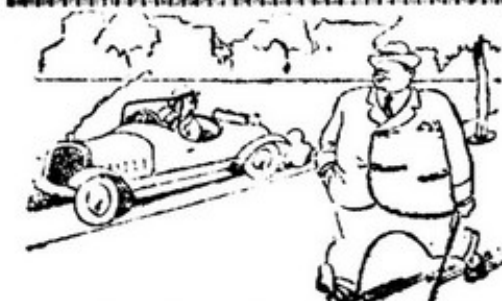
Vae a Paris e vae ao Brazil, vae de norte a sul, percorre os quatro pontos cardeaes, e volta novinho em folha, capaz de tentar o proprio Padre Santo, se o Padre Santo soubesse o gosto que o fado tem.

A tudo resiste com sete folegos como se fosse um gato que antes de morrer tem de miar horas consecutias.. ai... ai... ai, ai, ai, ai.

Pelo que vemos, o fado será eterno.

Agora anda ele a ser passado a ferro de engomar todas as noites, e nem assim acaba e nem assim morre nunca mais.

Obrigado A todos quantos nos enviaram as suas saudações pelo aniversario do *Fixe* em telegramas, radiogramas, cartogramas, oli-ciogramas, bilhetogramas e tudo o mais que tivemos de gramar babadinhos de goso, um grande chi-coração e muito obrigado.



O do auto: — Levo-te onde quizeres.

O outro: — Obrigado, meu amigo. Vou com pressa.

Uma noite com guitarradas e fados só no Solar da Alegria

AS TRÊZ PRINCIPAIS DO "FIXE"

Os padeiros Acabou-se. Nunca mais os padeiros se levantam á meia noite. Os padeiros levantam-se agora com o sol nado, como se não fossem padeiros e o pão duro das segundas feiras passa para o domingo, que é quando ha mais tempo para o roer.

Ha muito que esta medida devia ter sido tomada, para o que bastante trabalhou, durante longos anos, a Sociedade Protectora dos Animaes (sem piada aos padeiros nem a nós todos, consumidores, que comemos o pão que o diabo amassou.)

Mas assim é que esta certo. Agora já as pobres baratas não se vem em dificuldades para encontrar as masseiras, e já as formigas e as moscas sabem onde ir jantar, sem os



A' porta do cine: — Ouça, porteiro, viu entrar uma senhora com cara de ter estado inutilmente á minha espera?

Cear bem passar uma noite agradável, só no Solar da Alegria.



Como veem está um robusto e engraçado Bébé, que promete divertir o Zé para lhe suavisar a neurastenia cronica...



NOVELA DO "FIXE"

A GORGETA

Epistolografia

Caixinha de pomada

Não falta a verdade dizendo-te que estou á brava e tenho o coração mais negro que pós de sapatos.

Ontem palmilhei, dum salto, da Rua dos Canos á Rua dos Sapateiros, para falar a teu pai. Mas este, que não dá ponto sem nó, e que me pareceu ser um ponto de presilhas, talvez por ter massa ou cabedais a pontapé, começando por deitar um olhar desprezível ao meu fatiinho no fio e já um tanto bota de elastico, fez-se de manito de seda, meteu-se nas encáspias e achou que era escova quanto lhe disse ou que eu pretendia dar-lhe grava.

Pôs-se a pino quando lhe falei em casamento e disse-me que não eras ferma para o meu pé! Como se uns sapatos de vitela não admittissem gáspas de verniz!

Desculpa a imagem. Não estou parando a lustrar á gramatica, nem prêgo sermão a quem me não saiba entender.

Já me tem dito que o casamento é uma tripeça. Pois será, mas, para mim, não passa dum par de botas com salto de pido, que a gente calça e faz bom ou mau andar conforme o contraforte, que vem a ser o marido, fortalece a gáspas, que vem a ser a mulher.

Vai tambem muito da alma que se lhe meto... A paciencia indispensavel para o caso é a pedra de bater sola; a energia, o tirapé!

Disse ainda ao amor dos teus dias que o dos meus tambem era mestre bucha, e tão antigo que lhe chamavam decauo, respondendo-me ele que eu estava encerrando o fio, que eram bates as minhas afirmativas e que não passava dum cravador com a grossa de cantigas que lhe estava impingindo!

Senti estalar os atacadores do meu coração, rebentar o pontecado da minha alma, ficando quasi sem concerto!

Agora só encontro consolação no teu olhar, que consola, vira e tomba de prazer o meu quando te vejo.

Escreve para a Bica do Sapato. Já não moro no Bêco do Chinelo, donde tive que passar as palhetas porque a dona do quarto, um atinado mostrenço, deitou meias solas no seu estado de viuva, apunhando os trapinhos com um vendedor de sapatos de orello.

Mil beijos e protestes do

Tcu,
José Chapim Sá Pato.

Matos ALEN

ESPINHOS

«Jumiliano», que foi um toureiro valente, estava pouco versado em contas quando começou a sua arriscada profissão e não sabia contar o dinheiro como não fôra por duros.

Quiz um empregario contratá-lo e ofereceu pagar-lhe setecentas e cinquenta pesetas (cento e cinquenta duros) por tourear numa corrida.

«Jumiliano», dando-se ares de esperto, respondeu que lhe parecia pouco dinheiro, acrescentando:

—Se não me dá cem duros, não toureio.

E, claro, o empregario pegou-lhe na palavra, economizando assim cinquenta duros.

Num dia caloroso do mês de Junho e em plena Calle Serpes, de Sevilla, falavam de touros, ha bom par de anos, Pascual Millan, Angel Caamaño, Pepe Jimeno, Julio Herrera, «Minutos» e Clemente Pelaez, baixissimo o penultimo e altissimo o ultimo, sendo todos os nomes bem conhecidos dos autenticos «aficionados».

A todos, menos a Pelaez, torturava o terrivel calor que em tal epoca assola Sevilla e que fez com que a «Semana Portuguesa» agora fôsse transferida para Setembro.

«Minutos», vendo a serenidade de Pelaez ante o calor que os fazia sofrer, levantou a voz, segundo ele «para que chegasse lá acima a Pelaez», e perguntou-lhe:

—«Don Clemente de mi arma, quié Osté haserme el favó de desirme si hasé aire por ahí arriba?»...

«Na ultima tourada do Campo Pequeno, contou o antigo «aficionado» Guilherme de Brito, «aficionado» tauro-maquico e teatral, que, regressando do Brasil certo actor que por lá perpetrara — melhor que interpretara — o «Hamlet» e o «Keano», foi este inquirido acerca da attitude do publico, respondendo, muito convencido, que o publico devia ter gostado, e acrescentou:

—«... pelo menos, tiram-se...»

Isto contou o Brito, dizendo que se applicava «el cuento» quando certos bandarilheiros fugiam que bandarilhavam no Campo Pequeno.

Deles tambem o publico deve ter gostado, «pelo menos, riu-se»...

Mario Lambão era um freguês assiduo do Leão Prateado, o restaurant que tinha não só os maiores créditos no burgo, mas porque tambem ali tinha encontrado o criado que lhe convinha para o servir com abundancia.

Alguns fregueses mais exigentes... (quasi todos) queixavam-se das doses curtas e o Mario Lambão intervinha sempre, convencendo-os de que tinha, decerto, sido obra do acaso, etc., etc.

Realmente, o Mario era bem servido. E porquê? Porque o criado dividia com o cosinheiro a gorgeta do Mario, de forma que, quando ele pedia meio beef, anunciava sempre o nome do Lambão e vai daí, quando o cosinheiro cortava a carne, a faca resvalava-lhe para umas cem grammas a mais.

Ora deu-se o caso de que, um dia, porque lhe serviram pão duro, o Lambão teve uma altercação com o criado e, como fôsse no fechar do estabelecimento, ao sair foi abordado, na rua, por um homem gordo e macilento. Era o cosinheiro.

—O sr. Mario, o senhor é um bom freguês; o senhor disse ao criado que não voltava cá mais, mas dê o dito por não dito. Olhe que o senhor, se não volta, tambem me toca pela porta porque ele dá-me metade das suas gorgetas.

—Ah, sim?! — retorquiu o Lambão. Pois de hoje em diante eu reservo-te a gorgeta só para ti. Será a forma de eu lhe dar uma lição.

E, se bem o disse, melhor o fez. No dia seguinte, ao almoço, pediu ameijoas á espanhola e não tardou em apparecer-lhe uma travessa multissimo bem servida destes mariscos.

Quando foram a contas, o criado ficou espantado porque não recebeu nem um centavo de gorgeta.

—Mau! — disse de si para si o criado. — Assim não vamos bem.

Ao jantar, a mesma coisa, com a diferença de que os pratos ainda eram melhor servidos...

—Aqui ha coisa! — disse o criado.

E, depois de perspicazmente indagar, veio a descobrir o fio da meada e para se vingar dos dois resolveu denunciar ao patrão aquelle jeito que o cosinheiro fazia ao freguês.

O Lambão, por sua vez, ainda mais esperto, foi ter com o patrão e disse-lhe:

—O senhor sabe que eu sou um cliente antigo da casa; pois, por uma questão de gorgetas, o criado pegou-se com o cosinheiro e eu não quero ser o pómo de discórdia que redundará em eu ser mal servido.

O patrão, tipo experimentado, pôs-se de sobreaviso. Momentos depois, o criado queixava-se ao patrão das doses desmedidas que o cosinheiro dava ao Lambão, ao que o patrão lhe objectou:

—De hoje em diante, você fi-a proibido de dizer o nome das pessoas para quem são as doses e se você teimar — já sabe — a rua é serventia.

Ora dava-se o caso de que o patrão almoçava na loja, atraz do balcão, e quem o servia era o dito criado.

—Pede lá carne guizada na cozinha — disse-lhe o patrão.

Momentos depois, o criado colocava diante do patrão uma pequena travessa com batatas quizadas e dois pedacitos de carne.

—Olha lá. Isto não é prato que se sirva. Diz ao cosinheiro que e para mim.

—E' o dizes... Quem tem bôca não manda soprar... Diga o senhor, mas tome cuidado, que o patrão pode pô-lo na rua...

TRIPTICO DA VIDA

ROSAS

CRAVOS



Ditos a tempo

Subira á scena uma revista assina-
da por vinte e quatro autores e com
musica original... das varias casas de
gramofones.

A certa altura e quando se repre-
sentava um dos detestaveis quadros
da peça, que parecia nunca mais aca-
bar, ouviu-se um tiro.

— Sim, senhor! Fez muito bem! —
grita um espectador.

— Quem? — pergunta outro.
— Um dos autores, que se suicidou!

As duques de Tovar, que foi comis-
sario régio do Real Teatro de Madrid,
recomendaram alguns amigos certo
tenor. E tanto elogio fizeram do ho-
mem que o commissario régio não con-
seguiu esquivar-se a ir ouvi-lo certa
tarde para, no caso de agrado, o con-
tratar.

O tenor cantou então uma parte da
grande aria da *Bohème*. Todavia, a
sua voz não passou da orquestra o
que o obrigou a recommençar o canto
pela segunda vez. Novo fracasso.

Volta a cantar o tenor, que preten-
de elevar a voz. Fracasso.

Então, diz o duque de Tovar, diri-
gindo-se ás pessoas que lá haviam
recomendado o colosso:

— E' inutil insistir. Trata-se dum
tenor confidencia!

Representava-se uma peça que, afo-
da o primeiro acto não acabara, já
tinha conseguido massar toda a pla-
teia.

Em dado momento, e talvez na ter-
rada em que o autor tinha mais espe-
ranças, diz uma das personagens
da peça para a outra:

— Vés, meu amor. Ha pouco cho-
via a cantaros. Agora não! Vés? Já
não chove!

— Ora vamos lá aproveitar esta
abertura! — diz um espectador, lev-
tando-se.

Escusado será dizer que a peça
canta.

Fôra um successo de pateada a pri-
meira representação duma revista, no
Parque Mayer, que tinha a firmá-la
nada menos de nove autores.

Todavia, porque ha sempre amigos,
os autores foram aparecendo a pouco
e pouco na scena para receberem
aplausos.

Um espectador, que até então pa-
teára, levanta-se, dá palmas e grita:

— Tragam mais... Tragam mais au-
tores, que deve haver ainda muitos
lá dentro...

— Ora esta! — dizia um espectador
a outro, numa noite de *première*.

— Ora esta, o quê?

— Sim, senhor. Se o senhor ha pou-
co pateava, para que dá palmas ago-
ra?!

— Aplaudo a pateada!

Num teatro de Madrid subira á sce-
na uma peça que era um averdadeira
borracheira.

No final do espectáculo, e enquanto
a plateia pateava, levanta-se um es-
pectador, que clama em altos gritos:

— *La oreja del autor! La oreja!*



— Vai-se já embora? E leva sua
mulher também? Tenho muito pena!
— E eu também.

Bernabé Serodio

Bernabé Serodio não fôra nunca
partidario do casamento. Todavia, ca-
sara. Casara só na igreja porque, na-
quele tempo, ainda o registo civil não
era obrigatorio.

Mas porque casara Bernabé? — pre-
guntarão.

Eu lhes conto:

Naquella manhã, o Serodio vestira
o fraque de cerimonia e entrara na
igreja para servir de padrinho dum
amigo que ia casar-se.

Ora esse amigo do Serodio era uma
pessoa inteligente. E, porque o era,
ocorreu-lhe o que ocorre a todas as
pessoas inteligentes no momento do
casamento: arrependeu-se.

Já estava toda a gente ajoelhada,
porque ia começar a cerimonia, quan-
do o noivo, pretextando que se tinha
esquecido de comprar o *Sempre Fixe*,
saiu da igreja.

Uma hora depois, tomava em Al-
verca um *Junker's* das carreiras e
partia para Madrid. Ali, o seu primei-
ro cuidado foi dar graças a Deus por
se ter livrado dos dois perigos: a via-
gem e o casamento.

Mas voltemos atraz.

O Serodio ficou na igreja ajoelha-
do, ao lado da noiva. E succedeu que
o sacerdote celebrou o casamento.

A esposa era a noiva do amigo e o
esposo o sujeito que estava a seu
lado direito — o nosso Bernabé.

Quando ele levantou a cabeça, viu
a assistencia que o noivo não era
aquele. Mas...

Que succedeu depois? O que era na-
tural. A noiva resignou-se porque o
seu desejo era apenas casar-se, não
lhe importando o noivo.

Agora, como estava casada... Até
poderia encontrar no Serodio quali-
dades que nunca encontraria no seu
prometido.

Resultado: a noiva ficou contente,
a assistencia contentissima e o Ber-
nabé Serodio, naquela mesma noite,
encontrou-se numa esplendida car-
uagem da C. P., em direcção a Espanha,
abraçado a noiva do seu melhor ami-
go.

A volta da lua de mel, fixaram os
esposos a sua residencia em Lisboa,
onde viveram na mais santa harmo-
nia durante dez anos.

A esposa guardava fidelidade; o es-
poso fazia a mesma coisa. Mas, um
dia, Serodio apaixonou-se por uma
bailarina do *Mazur's*. Adorou-a du-

rante tantas horas que, quando deu
por si, eram seis da manhã.

— Como voltar para casa agora? —
perguntava a si proprio Bernabé Se-
rodio. Minha mulher aperceber-se-ha
de tudo e... terá um desgosto enorme.

Passaram quarenta e oito horas e
Serodio não arranjou uma desculpa.
Passaram três dias. Havia uma se-
mana já que não aparecia em casa.

Um mês depois, estava ainda na
mesma situação, agora agravada por-
que tinha de justificar-se de duas co-
sas: a sua falta na noite do adulte-
rio e a dos trinta dias seguintes.

Depois... os dias que já tinha a jus-
tificar eram noventa. Depois... tre-
zentos sessenta e cinco.

Serodio sofria brutalmente.

— Meu Deus! Meu Deus! Como me
receberá ela?! Que gritaria ela vai
fazer?!

Decorreram cinco anos. Serodio te-
ve o rasgo heroico de voltar a casa.
A esposa recebeu-o com o maior dos
carinhos e de novo se organizou o
ménage.

Até que um dia, porque a esposa lhe
dissera qualquer coisa de desagrada-
vel, Bernabé Serodio voltou a prati-
car o adultério. E só voltou a casa
trinta e três anos depois. Cinco anos
mais tarde, novo adultério.

Repetiu-se a historia. Uma noite,
trinta dias. Um ano. Cinco. Dez.
Trinta. Quarenta anos. Quarenta e
cinco. Cincoenta. Cincoenta e cinco
anos. Sessenta. Sessenta e cinco.

E Serodio só regressou ao lar ao ca-
bo de sessenta e oito anos!

... Mas que diabo! Só agora reparo.

Ora vejamos: Casaram aos vinte e
cinco. Foram felizes durante dez anos.
Estiveram separados, da primeira vez,
durante cinco anos. A segunda, du-
rante vinte e três. Voltaram a viver
cinco anos. Viveram depois separa-
dos sessenta e oito anos.

Pois, sim, senhores! Fi-los viver
nada menos de cento trinta e seis
anos e não sei agora como acabar a
historia.

Ah! Já me lembro:

Ontem dizia a mulher para o Se-
rodio:

Faz hoje trinta anos que nos ca-
sámos. Vou mandar matar um pato
para o jantar.

— Mas que culpa teve o pato?! —
diz o Serodio.

Uff! Acabei!

Mario Figueiredo

Jornalista. Bom rapaz.
Critica peças, actores,
E tudo o mais que lhe apraz,
E a falar de pintores
Ele dá cartas — é um Az.

Prosa facil, correntia.
Bom sorriso, um ar magano...
Mas tem singular mania:
E' capaz de estar um ano
A viver no mesmo dial

E' com certeza o primeiro
— Pois doutro assim me não lembro —
Que está firme, um ano inteiro,
Desde Janeiro a Dezembro,
No principio de Janeiro!...



BOM HUMOR

O homem que casou com uma das
duas irmãs gêmeas: — Querida, quan-
tas vezes te beijei depois do nosso ca-
samento?

Ela: — Quatro vezes, amorsinho.
O homem: — Quatro, apenas! En-
tão tem sido a tua irmã que tenho
beijado nestes três ultimos dias...

No tribunal:
O réu: — Estou inocente como o sr.
juiz!

O magistrado: — Tão inocente como
eu? Pois bem! Dou-lhe vinte anos de
trabalhos forçados...

Na praia:
— Papa, é verdade que os peixes
grandes comem as sardinhas.

— Sim, meu filho!
— E como... abrem as latas?..

Opiniões dum novo rico:
— Tem uma casa lindissima. Mas
gosto mais do jardim.

— Não admira. Com o jardineiro
que tenho! Ainda ontem plantou duas
árvores centenarias...

Num salão:
— Dá-me licença que o apresente a
minha esposa...

— Não, meu amigo. Já tenho uma...

— Porque vens hoje tão bem dis-
posto do dentista?

— Porque não estava em casa...

Na Inglaterra:
O juiz: — Como é que o senhor abriu
o cofre?

O réu: — Se o deseja saber, consul-
te qualquer outro que seja especialis-
ta... Eu não quero aprendizes...

O carniceiro: — Apesar do custo da
vida, ainda não aumentei a carne...

O freguês: — Pelo contrario: dimi-
nuiu-a. Ontem faltavam 200 gramas
na que me vendeu...

— Quero levar uma surpresa para
minha mulher. Faz hoje anos.

— Não leves nada! Verás como ela
se surpreende...

Ela: — Meu irmão passa as noites
sem pregar olho.

Ele: — Porque não aprende ele a
jogar o *box*? Eu, depois da primeira
lição, estive uma semana sem abrir
os olhos...

Ela: — Não cre que possa existir en-
tre um homem e uma mulher uma
solida amizade, absolutamente desin-
teressada?

Ele: — Sim, quando ela é feia...



— Ora bravo! Ditosos olhos que a
vêem...



TEATRO



«RETROZ PRETO...»

A orbita duma... estrela

FOLGAMOS com que as nossas companhias triunfem em terras estrangeiras. Folgamos tanto mais, quanto é certo que elas, por vezes, não vencem entre nós. Por Portugal arrastam uma vida difícil, cheia de dificuldades, á espera do publico para satisfazer compromissos... Lançam mão da provincia e das ilhas. Não basta. O Brasil — para as nossas companhias — deixou de ser Brasil. Dificilmente lá se faz exito financeiro.

Mas... uma ou duas companhias tem — apesar de tudo — conseguido nome para nós. Neste caso está a companhia A. R. C. R. M., que ha um mês partiu para o Rio. Constatamos, com agrado, o seu pleno successo. A figura de A. R. C. começa a ser conhecida lá fóra. Os elogios na imprensa brasileira são de molde a honrar Portugal.

Uma das criticas — a do jornal *A Noite* — considera-a uma das melhores comediantes de hoje. Antes de entrar no exame do seu trabalho, na peça «Romance», a citada critica diz o seguinte, que merece ser transcrito:

«Varias coisas tem prejudicado o exito da estreia, ontem, no Lyrico, da companhia portuguesa Rey Colaço-Robles Monteiro, se o exito dessa estreia já não estivesse solidamente assegurado pela simples noticia de que o primeiro papel de «Romance», a peça escolhida para a apresentação da «troupe», estava a cargo da eminente actriz que fulgura á frente do elenco.

Com effeito, não obstante anunciado para as 20 3/4, só ás 21 1/2 teve inicio o espectáculo, depois de uma serie de contratempores por detrás do pano, de onde partiam ordens e contra-ordens que nada naturalmente adelantavam.

Espectadores impacientes entram a bater com os pés e com as bengalas, a despeito dos «psius» repressivos das pessoas mais educadas.

E depois duma anciosa expectativa, em que se obscureceu e se iluminou a sala diversas vezes, correu o velario sob um sussurro de alivio da plateia, surgindo então uma scena ás escuras, onde se encontravam um ancião e uma joven e uma victrola.

Era o prologo de «Romance»... Soube-se pelo dito prologo que o ancião era pastor protestante, que tinha um neto apaixonado por uma artista de teatro e que a joven era irmã e confidente do mancebo apaixonado.

Parecia ao rapaz que o avô seria contrario aos seus amôres com a artista. Mas não. O avô não só era favoravel á união do neto com a tal senhora, como aproveitou a chance para contar-lhe a historia mais empolgante de sua mocidade — o seu romance — por coincidência tambem com uma artista de teatro.

E desenrola-se a peça, vivida no ano remoto de 1867.

O ambiente é encantador. Sente-se que o publico simpatiza com os tipos, com a indumentaria, com a aparente ingenuidade dos costumes da epoca.

Muitos procuram uma posição mais comoda para melhor acompanhar o romance...

Depois entra na critica á interpretação. Não interessa. O preambulo da noticia da estreia é que é curioso. Julgamos até que, ao lê-lo, os leitores dirão muitos «psius» como os brasileiros nossos amigos... Aquilo do «an-



Lina Demoel

transportou-se com armas... e bagagens á provincia, onde tem sido recebida ao som das «Rosas»... sem espinhos

«...cião era pastor» faz-nos lembrar o... então era pastor...

CHEGA esta semana a Lisboa a companhia L. S.-E. B., vinda do Funchal. Parte, dias depois, novamente para a provincia. L. S., a nossa grande actriz, ha dois anos que não representa na capital. Ha dois anos que o publico de Lisboa se vê privado duma das suas grandes comediantes.

O que acontece com L. S. dá-se com P. B. e com outros artistas categorizados.

Ha direito do teatro português, já pobre e em crise, estar desfalcado, em Lisboa, das suas primeiras figuras?

Quando se trata, a valer, de salvar o nosso teatro? Quando reune a comissão encarregada de fazer do T. N. a casa dos melhores artistas e do bom teatro?

Todos nós — que amamos o torrão onde nascemos e, portanto, tudo quanto á português — devemos colaborar com os poderes publicos para levantar novamente o nome do nosso teatro.

E' necessario proteger os artistas que o merecem e é urgente acudir ao

estado desgraçado a que chegou a arte dramatica.

L. S. tem jus a uma grande festa, no dia em que reaparecer em Lisboa. Merece-o o seu nome de artista e o esforço que anda fazendo, representando hoje aqui e amanhã acolá, rodeada de meia duzia de artistas. Dois anos de peregrinação, fóra da sua casa, dão direito a uma recompensa moral. Nesta Lisboa de homenagens, esta a L. S. é das que devem ser apoiadas pelo publico, pelo publico que acarinha os que o faz rir e chorar.

O «CHARLESTON» levou da imprensa tarefa em barda. Chegou para os três autores... e ainda ficou pano para mangas. Então o A. B. C. é um louvar a Deus.

Alguns trechos da critica ao acaso:

«Tal como fazem os autores das inscrições obscenas que pejram as paredes publicas, os autores da satira esconderam-se atrás do anonimato. E' certo que um subtítulo á Paulo de Kock «Scenas da Burguezia Galante» tinha prevenido o publico quanto á intenção do espectáculo, mas a realidade excedeu absolutamente a nossa expectativa.

«Charleston» não é uma peça grivoise, tal como o teatro francês nos oferece de quando em vez;

entre a discreta malicia da farça parisiense e a pesada alusão de «Charleston» vai um abismo.

O plano desta peça assenta sobre uma alusão grosseira ás experiencias de rejuvenescimento feitas pelo Dr. Voronoff, nome que da sciencia passou para a linguagem popular com um significado picaresco.

Como o heroi da farça foi rejuvenescido pelo citado processo, passamos todo o espectáculo a ouvir as descrições quasi ao vivo, que todos fazem dos records eroticos alcançados pelo novo Fausto enxertado. As alusões grosseiras não faltam, nem tam pouco os sublinhados. Quem entra no Politeama ha de sair de lá absolutamente convencido das qualidades de padreador que possui o heroi dos senhores da Trindade... da Purificação.

A peça divide-se em três actos, unica e simplesmente de acordo com a velha formula e não porque a *decoupage* da acção assim o exigisse. O primeiro acto, por exemplo, acaba... para haver o intervalo.

Quanto ao espirito e graça de «Charleston», devemos confessar que poucas vezes a encontramos.

Só não concordamos, no fim de tudo, com o pseudonimo escolhido pelos autores. «Trindade da Purificação»... Que epurao são aqueles escritores teatraes... Se estes são epurao, o que havemos de chamar ao D. João da Camara?

A *BLAGUE* continua fervente nos meios teatraes. A proposito da saída do cartaz duma peça, dizia-se:

— A peça lá caiu...

— Não caiu tal, estás enganado. O publico é que não caiu em lá ir, o que é diferente...

CHAMAM ao actor-empresario A. de A. o «Dominador de Sogras»...

Porque será?

NA semana que passou, deixaram o cartaz três originaes portugueses. Um deles teve vida efemera: 4 dias, e outro chegou aos 8... e com esforço da empreza.

Quando ha, nos teatros, uma coisa que se chama direcção artistica?

Não dizemos isto para que as peças não tivessem sido aceites, mas sim para que se estudasse a maneira de evitar as perdzas sem ter outro tiro na espingarda...

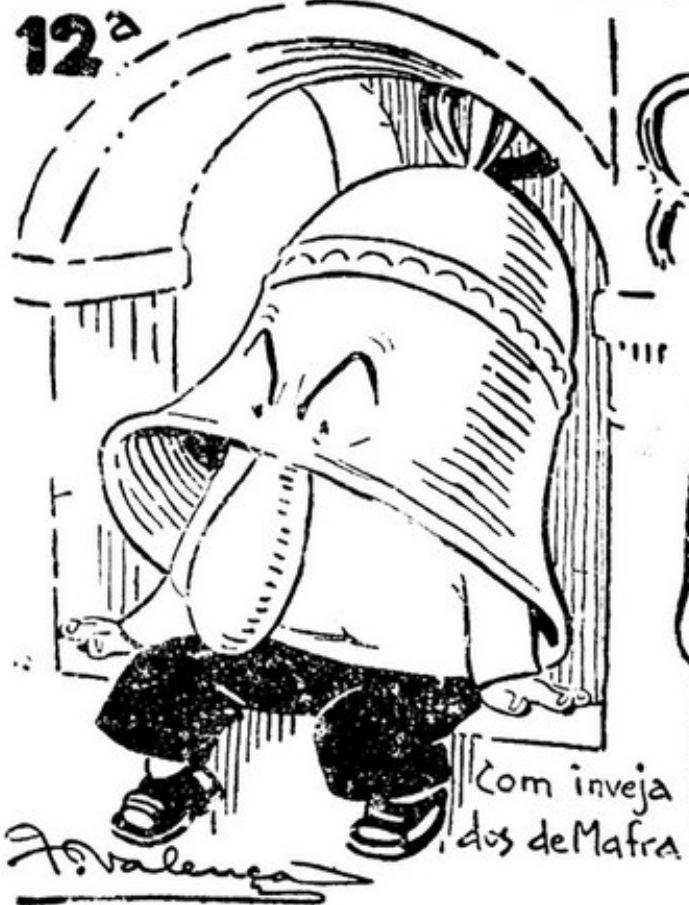
De contrario, não ha capital que resista ás folhas mensais das companhias...

ANUNCIA-SE no T. N. o original «O tigre de Bengala». Como nos disseram que na peça entra um chimpanzé verdadeiro, que dança e que dá beijos como qualquer pessoa, aconselhamos a que ponham á peça o título de «O chimpanzé sem bengala».

O Homem das 6 horas

Uma boa noite com fados só no Solar da Alegria

As adivinhas do Diario de Lisboa



A logica do Januario Xadrez

Januario Xadrez, engenheiro-léde das Minas do Sabão da Trouxelandia, após vinte e cinco annos de liberdade, resolveu condemnar-se a trabalhos forçados com sentinela á vista.

Para cumprimento desta resolução, enamorou-se de uma senhora, pelo Entrado, num baile realizado em casa da familia Marmelo.

Essa senhora, a D. Virginia Salpicadilha da Costa, é bonita e insinuante.

Só tem um defeito—é pequenina.

Apesar de medir, aproximadamente, um metro e trinta centímetros, é uma grande mulher, atendendo á grandesa da alma e da lingua.

O Januario, contudo, está satisfeittissimo.

Quando fala da sua Virginia, os olhos fulguram, e faz a apologia da sua noiva, assim:

— Diz-se — que a mulher e a sardinha, quer-se da pequenina. Quem o diz, lá tem as suas razões.

Eu com franquesa, gosto muito das muidas.

Têm muita graça e, além disso, oferecem-me vantagens. Para um vestido, é necessario menos tecido, visto que é mais pequena do que uma moçoira.

Gasta menos agua para se lavar, menos pó de arroz e menos abatona, do que uma mulher em tamanho natural.

Em viagem compra-se meio bilhete, porque, como é pequena, passa por filha. Não pesa tanto no colo.

E, no caso de haver apenas uma cama, sendo necessario dar hospitalidade a alguma prima ou conhecida, ella, como é pequena, deita-se aos pés da cama.

A Virginia tambem se conforma — que remedio! — em ser miuda.

Acha-se engraçadinha e muito gel-tosa.

Como é pequena, julga-se criança e tem muito mimo. Muitas vezes, quando de brincadeira o Januario lhe dá uma palmadinha, ella, com voz meiga diz-lhe: Não me batas que sou uma criança.

Há muito tempo, num baile em casa dos tais Marmelos, a que eu assisti, esentei o seguinte dialogo:

Virginia: — Olha que a Andraza (e dizendo isto indica uma dama alta como um cipreste) está muito alta.

Januario: — Aquilo é demais.

Virginia: — Mas tu gostavas de mulheres altas.

Januario: — Isso já lá vai.

Virginia: — Tem quasi o dobro da minha altura. Não tem, Januario?

Januario: — Talvez.

Virginia: — Eu sou meia mulher.

Januario: — Meia? Então o que te falta?

Virginia: — Falta a outra metade. Sorriram-se e continuaram a dança.

Muito tempo se passou sem noticias de ambos. Na semana passada, porém, na Praça dos Restauradores, encontrei o Januario com uma senhora da mesma altura de Virginia.

Afirmei-me e vi que não era a Virginia. A distancia, segui-os. Dirigiam-se para um cinema.

Seguiam muito agarradinhos e segredando, tendo, para tal, o Januario de se pôr quasi de cocoras.

Uma outra miuda veio escangalhar o plano traçado.

O Januario e a sua companheira foram obrigados a parar porque a tal miuda, que eu reconheci que era a Virginia, se lhes dirigiu, dizendo:

— Seu patife. Seu mentiroso. E' assim que você cumpre o juramento que fez de ser só meu. E' assim que você ama, andando com outra mulher.

No momento em que a Virginia se dispunha, talvez, a fazer a outra em postas, o Januario interrompeu-a, dizendo:

— Virginia! Com outra, não. Neste momento só tenho uma mulher, porque chegaste tu. Já tenho as duas metades.

A Virginia, sorrindo, disse ao ouvido do Januario qualquer coisa que o fez rir e seguiram ambos.

A outra metade ficou... parva com o que yira.

O estudante Policarpo

Feitas as matas, dados os abraços e beijos do costume, o nosso Policarpo Barata deixou a aldeia em direcção á cidade.

A paternidade, que lhe recheiara as algibeiras de algumas notas do Banco, sorria satisfeita por ver que o rapaz, agora que entrava para a Universidade, breve seria um esenthor doutor, que toda a gente estimaria.

E lá na aldeia, o bom do homem dizia a toda a gente com orgulho natural:

— Olhe que eu tenho um filho na Universidade. E é um bom estudante, o diabo do rapaz.

E todos os dias, o pai do Policarpo Barata esperava ansioso noticiões do filho que, embora andasse cá na cidade em padelega pegada, afirmava ao pai que estudava como pombas.

E o Barata, pai, para compensar o sacrificio do moço estudante, mandava-lhe todos os meses quantias grossas, que o nosso homem espatifava como um pernilhão.

— Amanhã faço exames— assim dizia o telegrama que ele enviara á familia, que fez promessas e acendeu chicha de feo á altar de Nossa Senhora.

Barata, pai, no dia seguinte ao do exame annunciado, foi á metro da estrada em busca do carteiro. Anunciava noticiões do filho querido, daquelle moço inteligente que um dia viria para a aldeia como medico distinto, como as crianças anunciadas por Emulação de Scott. E, contente, comprou Barata um postal do filho.

— Meu querido pai— Fiz um exame excelente. Respostas todas correctas, mas na interpretação do jurí.

O pebre do homem ficou um pouco atrapalhado com a commençação do rapaz, que não comprehendia bem, e levou o postal á casa sua, que o socorreu, dizendo que a sua interpretação do jurí era qualquer palavra bonita que o rapaz pedia na correspondencia.

E Policarpo continuou na cidade, escrevendo á mãe e á familia.

Chegara nova epocha de exames e o nosso homem, tal qual o fizera no anno antecedente, comparece á familia o seu novo exame.

Barata, pai não se dava, nem o que o filho fizesse reprovado. Toda a dia e toda a noite levava uma martirio atroz. Mas houve por bem socegar e respirar fundo quando um hoteleiro lhe trouxe este telegrama do filho:

— Desta vez o jurí ficou tão contente comigo que pede para cá voltar para o anno.



— Porque ficas assim na tua pequena? — Porque é um anjo. Comem o pão que eu trazo para os paraisos.

Quereis dinheiro ?

total no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes !

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

Uma senhora desportista de respeito

Está de feto a almae!
A tripa embaldeitou em arco!
Pela terceira vez, os rapazes do Porto bateram os tais — os celebres, os nunca excedidos internacionais e olimpicos de Portugal e dos Algarves, senhores d'Além-mar, do Brasil e Amsterdam.

O que nos vale é que, segundo telegramas para os jornais, o dr. Carreira obteve mais um triumpho oratorio no congresso de foot-ball em Barcelona.

Para o campeonato do Mundo, a realizar em 1930 no Uruguay, todas as nossas esperanças — resumem no dr. Carreira. Mas estão bem firmadas. E certa a victoria dos pulmões lusitanos.

Um colaborador gracioso, que se encobre sob o pseudonymo de *Rocul-bunch* enviou-nos uns versos sobre o foot-ball, dos quais publicamos o seguinte:

— Na minha col a concorda a lusa gente; eu que o foot-ball, cá, está desalente, tendo já da... o que teria a dar.

E um cidadão diz — modos irados; — A culpa é so dos nossos avançados que não sequep se sabem desmarcar!

— Nem fazer pontos sabem. O resgate é sempre o fraco em que o estrangeiro bate o português, por não saber marcar!

Não sabem desmarcar-se (então medio nem tão pouco marcar, ao som do apito...

... Que é que eles saberão efectuar?!

Madame Violette Morris é uma senhora franceza tão disontida que até o nosso *Diário de Noticias* lhe publicou ja o retrato.

Madame Violette Morris está agora em luta com a Federação que governa o desporto feminino em Franca.

Madame Morris é titular do campeonato de lançamento de peso. Mas, como o francez é temerario, esta *campesã* encontrou um marido.

Jogadora emerita de foot-ball — por conseguinte; braços vigorosos e pernas ágeis — deveria ser uma esposa perfeita.

Mas a sua ambição é mais alta.

Quer ser licenciada. Isto não quer dizer que ela pretenda ensinar o grego ou a relatividade de Einstein. A licença que ela se queixa de não poder obter é a dispensada pela Federação Feminina Sportiva o que dá direito a tomar parte nas provas organizadas sob os seus auspícios.

A Federação recusa a sua licença a Madame Morris sob o pretexto de que esta senhora abusa... Anda com fatos masculinos e fala uma linguagem exquisita. Em resumo: a senhora Morris constitue um escandalo para as mães de familia, e estas recusariam confiar as suas filhas a uma federação que a acolhesse no seu seio...

Pois Madame Morris acaba de desafiar a Federação feminina para um match que se disputará no tribunal civil do Senal!

No tribunal, naturalmente, Violette Morris comparecerá de calças — e os juizes e advogados — de saias...

Como o hipismo costuma chuchar dos revezes internacionais do foot-ball, e como pela boca morre o peixe — veio aí um chileno, via Barca de Alva, e comeu o primeiro premio da *Union* do Concurso Hipico de Lisboa...

Rebola-A-Bola.

Simples quadras

O Porto venceu Lisboa. Deixalo, foi um azar; Ha muito balão que vão Mas depois tem de aterrar.

Ricardo disse outro dia, P'ra desfazer um engano, Que é socio do Casa Pia Mas não é Casa Piana.

Os beafs vão inventar Um penalty a duas jardas, Para a guarda utilizar Mas vezes as espingardas.

Diz para ai toda a gente Que o povo, por gratidão, Realiza bovemente A setima do Barão.

Zé Maria.

Conde M. di Carrobio



Um verdadeiro gentleman todo Carró-Citroën. A sua elevada altura está á altura da apreciada marca que tão nobremente representa...

Estupidez para dois

Havia anos que se não viam. Ela, era alta esguia, genero pathinha de carapinhada, muito loira e muito estúpida. Chamava-se Ofelia.

Ele, loiro tambem, estúpido tambem muito adorado, era um autentico afauxa-magres. Chamava-se Romeu.

Grande foi a surpresa dos dois, quando se encontraram naquela tarde insípida, como são sempre todas as tardes de domingo. Tinham-se conhecido ainda garotos, e aquella convivencia de todos os dias, havia de fatalmente ter os seus resultados de fatalmente ter os seus resultados. E assim foi. Um dia... enfim, vèla e amála foi obra de um momento. Usava ela então cabelo á Rua 1.ª de Dezembro.

Agora, que diferença, ela fumava e usava abadines, ele putava-se e usava asoutlen gorges.

E foram andando, Chido a-lima, falando naquelas banalidades miteis, característica dos seus sentires.

Ele então lembrou os tempos passados, dizendo que se não tinha esquecido dela, dos beijos e juramentos trocados, e, num repente, confidenciou baixinho ao ouvido:

— Nunca, nunca te esqueci, minha querida Ofelia; por ti seria capaz de tudo. Olha, seréi o teu Hamlet, sim o teu Hamlet... de camarão, que é a mais cara.

Ela comoveuse, acreditou, e lembrando-se que ele era Romeu, Romeu desde pequenino, disse-lhe com aquella nunca desmentida estupidez que a distinguia dos outros animais:

— Tu, Romeu, tu poderias ser o meu Hamlete, mas olha que eu para ti Romeu... seréi a tua Violeta.



Ela: — Gostava de conhecer Tunney para lhe dizer que o aboxo é um espectáculo selvagem.

Ele: — Julgas que ele te comprehendera?

Ela: — Decerto, porque lhe diria verdades como punhos e se ele me refilasse, dava-lhe um taurro.



— As andorinhas que chegam agora passam todo o verão em Madrid sem ir a Biarritz e á outras praias da moda, avô?

— Sim e fazem muito bem, porque nessas praias depernam os passaros.

Excelsior 22

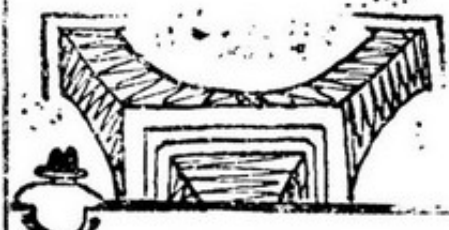
Fumem estes deliciosos cigarros de Nestor Clansetta, do Cairo e outras marcas da mesma fabrica.

O Fado por Alberto Costa só no Solar da Alegria.

ECOS DA SEMANA

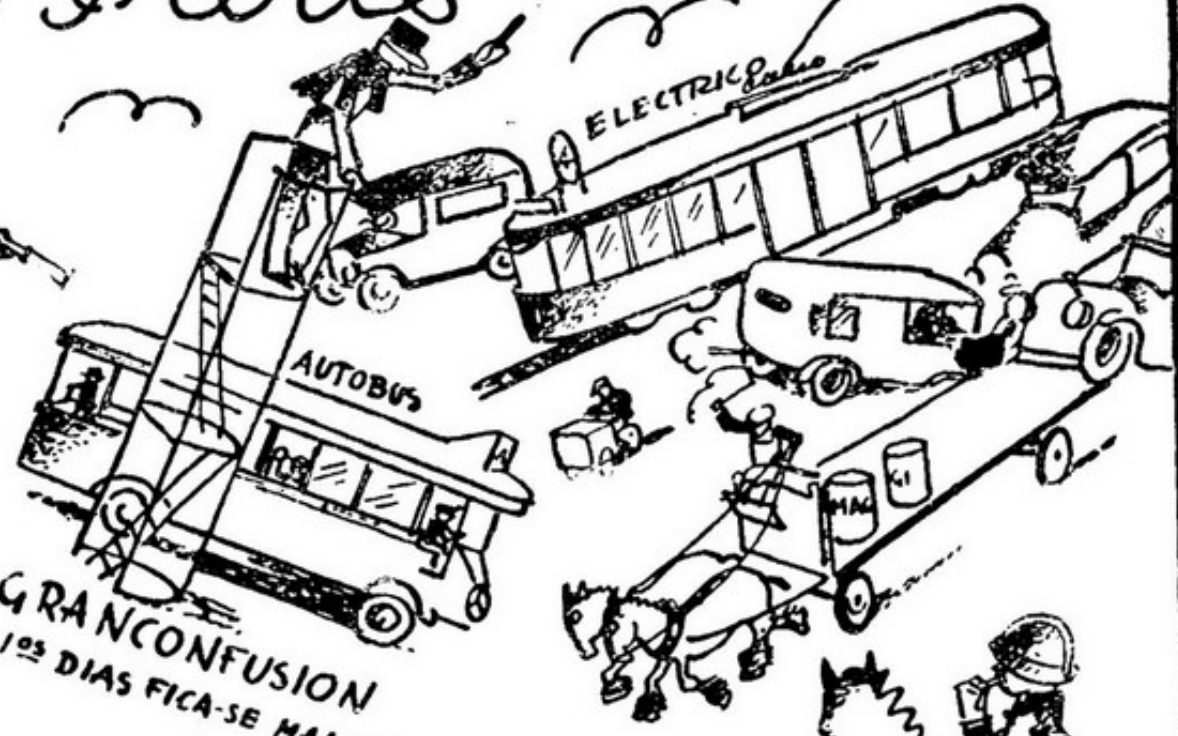
em Paris

COMO SE VÊ A BASE DA TORRE EIFEL DO ÚLTIMO ANDAR



OS PONTINHOS SÃO GENTE

FICA DE EIFEL EVINAGRE QUE M NÃO SUBIR A TORRE



GRANCONFUSION
POR 105 DIAS FICA-SE MALUCO

HA POLICIAS SINALEIROS A CAVALO, EMPOLEI-RADOS, E QUANDO O MOVIMENTO É MAIOR ATÉ OS HA DE CÔCORAS.

AO PUNTO DE VISTA DE MODAS... CA' COMO LA... UM POUCO MAIS CURTAS

QUE VERGONHA A LARANJA COMIDA EM PARIS. É TODA ESPANOLA. QUE É FEITO DAS NOSSAS???

OXALA QUE, SOB ESTE ARCO, NÃO SEJA PRECISO DE POSITAR OUTRO SOLDADO DESCONHECIDO.



CARTAZES E

MAIS CARTAZES



CORRESPONDANCE

AGUI NO METRO É PRECISO OLHO FINO PE' LIGEIRO... OU FICAR COM O RABO ENTALADO.

